

Director e proprietario: P.º GASPAR DA COSTA RORIZ

Administrador: JOSÉ PINHEIRO

Sede da redacção e administração: CENTRO REGENERADOR DE GUIMARÃES
Rua de Val-de-DonasComposto e impresso na Typographia Minerva Vimaranesse
Rua de Payo Galvão

O REGENERADOR

PUBLICA-SE ÀS SEXTAS-FEIRAS

ATRAVEZ DUMA CRITICA

O nosso artigo—*Nervosos...*—motivou quatro columnas de boa prosa, em que o snr. P.º F., da *Restauração*, mais uma vez poz em realce os seus talentos e o seu feitio de publicista.

Pela honra do logar e pela transcrição integral, nos confessamos muito penhorados.

E, cumprimentos feitos, consinta-nos o collega uns breves commentarios á sua critica.

Diz, e muito bem, que não tínhamos o direito de attribuir-lhe intuito politico diverso daquelle que se colhe de suas palavras. Ora das palavras colheramos que o intuito era duplo—«condemnar os encarregados da manutenção das leis» por não as observarem e, de caminho, deprimir os *rotativos*.

E' dos codigos responder na clave da investida, dissemos nós, e é verdade. Dar e levar é uma trivial lei de guerra, lei que o illustre collega cumpre religiosamente, procurando dar quanto pode, embora tente furtar-se a levar as que merece.

A seguir, procurando apanharnos em flagrante delicto de incoherencia, cita um trecho que, algures, escreveu um intimo amigo nosso, doutrinando contra as discussões pessoas que disparam em reles tirotoeio de insultos. Sempre assim pensamos e convictos estamos de que, no caso em questão, não infringimos aquella boa doutrina. Socorreremo-nos dum facto que é publico e que é honroso para a personagem visada, porque demonstra uma altiva tempera moral em romper com inveterados preconceitos, ninguém, de boa fé, dirá que é fazer discussão pessoal e insultuosa.

Mania funesta, chamamos nós, sem offensa, ao manifesto proposito que voga entre os mais fogosos e menos atilados nacionalistas de, a torto e a direito, vexarem os *rotativos*. De exagerado culpa o snr. P.º F. o nosso asserto. Será. Mas, pode-lhe todo o exagero, e verá que ainda nos fica sufficiente motivo de queixa.

Depois, ardendo por vêr-me em conflicto com o intimo amigo já citado, volve a extractar novo trecho em que elle, em tempos pre-nacionalistas, advogava a formação dum *partido catholico* que se impusesse aos governos. Succede porem que, essa peça de effeito, perde logo a esperada retumbancia, se considerarmos que o actual partido nacionalista não corresponde ao ideal sonhado por aquelle nosso amigo. Não poderá portanto affirmar-se que elle foi nacionalista antes do advento do nacionalismo, nem que está em discordancia evidente com o nosso sentir actual.

Quanto ao «odio que temos ao nacionalismo», pareceu-nos isso

uma graça de gosto duvidoso. E' uma arguição leviana. E' um desses inexplicaveis exageros em que o espirito ardoroso do collega cae por vezes, sem querer. O que sobre tal assumpto escrevemos, poderá significar quanto abominamos os destemperos dos nacionalistas tresloucados, mas nunca significará que rejeitamos e guetreamos os principios saos desse partido. Essas injustas confusões são perigosas: podem fazer desabar sobre nós o Carmo e a Trindade...

Deixemos porem isso que nos levaria para longe do maldito duello. Temos necessidade de liquidar a tempestade no respectivo copo de agua.

A citação do duello antigo vinha a talho de foice, dissemos nós; não havia paridade, contestou o snr. P.º F.

Mas havia. O nosso amigo caiu a fundo sobre os duellistas, como era de razão e de lei, mas pareceu que teve o cuidado de *carregar a parte*, porque os peccadores eram miseros *rotativos*.

Então dissemos nós, pouco mais ou menos, ou foi esse o nosso pensamento fundamental—contunda o duello com força, mas não esmague de vez essa gente. Lembre-se de que tambem o snr. J. C. caiu outr'ora em igual esparrela, sacrificou a esse tolo preconceito e, depois, veio a ser um dos christãos mais bem cotados de toda a Lusitania. Quem sabe se outro tanto não virá a succeder com os srs. Wenceslau e Azevedo?—Ninguém dirá que este pensamento é delictuoso ou que venha a despropósito.

Zanga-se snr. P.º F. por dizermos que nos calumniou, ao affirmar que ficamos descontentes, por elle condemnar o duello e reifica que escreveu—*aquelle duello*—. E' verdade: houve essa innocente substituição, por não termos o texto à vista; porem, falsificação propositada não houve, nem servia de nada. Portanto, era bem que o collega, antes de nos fulminar com esses raios de indignação, que nos fazem lembrar de S. Jeronymo e de Santa Barbara, verificasse se houvera motivo para nos suppliciar tão ferozmente.

A ferida que abrimos pelas costas, cobardamente, na fama do snr. J. C., não passou felizmente dos vastos dominios da rhetorica. E a supposição que o collega forja, à laia de argumento, nada demonstra. Se o caso tetrico se desse, e o facto vindo ao debate, fosse do dominio publico e dos archivos da imprensa, nós, gostassemos ou não, diriamos que o critico estava no seu pleno direito, aproveitando-o para os seus fins; porque o que é da historia, é de toda a gente. De cobarde é que não o criminaríamos.

Negamos sim essa evidencia escura. Não empregamos o argumento de Saulo para Paulo. Já acima ficou esclarecido o nosso pensamento e, consequentemente,

provado ficou que não tivemos o intuito de zurzir o Saulo do *rotativismo* para, de ricochete, ferir o Paulo do nacionalismo; mas sim tivemos o fito de pedir mais alguma caridade para esses reus que podem vir a ser os santinhos de amanhã.

Por termos estranhado que se attribuisse, ao illustre director deste periodico, o *suelto fatal*, pergunta o prezado collega a quem queriamos que o attribuisse. Não parece pergunta de jornalista. Se tinha a convicção de que havia mais que um redactor, e a local appareceu sem rubrica, era curial attribuida á *redacção* ou ao *Regenerador*.

E' essa a praxe geral; mas o snr. P.º F., em virtude do seu feitio aggressivo, gosta sempre de ter á mão umas costas que lhe sirvam de bombo de festa.

Deixe-se de lamentar a expressão—sonoro espirro—. Se não é conselheiral, tambem não offende a moral publica nem faz perigar as instituições vigentes. Podiamos ter escolhido outra, mais no prumo; mas a gente nem sempre hade escrever de capa de asperges.

Incorreta e indigna foi a minha intenção ao relembrar um peccado velho, teima o sr. P.º F.; incorrecta e indigna chamaria eu a essa affirmacão, se usasse a mesma severidade inflexa. Explicada essa intenção, viu-se que nada encerra que mereça tão descaravel tratamento; mesmo nada.

Conselhos? O amigo devolve-me o unico que lhe offereci. Eu, mais humilde, accetto os seus, com as mãos ambas.

Ameaças? Não as fiz: os fracos não ameaçam, não trovejam, não fulminam. Apenas disse ao collega que não seria desacerto poupar as munições e mandar calar a arrogante artilheria das batalhas formidaveis, enquanto andassemos nesta vulgar escaramuça.

Como o illustre amigo nos pedia, fizemos, a frio, (a Penha estava branca!) o cotejo das nossas theses (?) e reconhecemos que estamos a empregar muito mal a nossa tinta porque, na questão fundamental—a condemnação do duello—estamos de accordo. Cotejei os argumentos (?) e certifiquei-me de que... os meus devem pesar mais. Comparei finalmente a linguagem e convenci-me de que, a esse respeito, fizemos figura excelente, um e outro. Corrido um espesso véu sobre o «*espirro*» e o «*cebo*», devemos causar inveja a qualquer dos bons classicos.

A conclusão da critica é a parte mais nobre de toda ella. Encerra calmas expressões de bondade e o timbre harmonioso e limpido dum echo de amizade antiga, que pairasse illesa sobre estas divergencias accidentaes e de occasião. Ella basta para nos fazer esquecer todas as asperezas da contenda.

Ao nosso amigo commum, A. H., tivemos o cuidado de transmitir os votos de felicidade com

que o illustre collega bondosamente o saudou. Ainda que estava mal humorado por ter visto que o seu nome se insinuara, na lista dos anniversarios, do *Regenerador*, agradeceu com palavras muito sentidas a especial gentileza do snr. P.º F.

E agora, se lhe parece, outro assumpto—*ad maiora!*

X.

Chronicas Vimaraneses

Entre as instituições vimaranenses, ha uma que, pelo seu fim humanitario, pela dedicacão heroica dos seus membros e ainda pelo grau de prosperidade que attinju, se tem imposto ao respeito de todos nós e ás sympathias de quantos têm apreciado os serviços dos que a compoem e as benemerencias dos que a protegem. E' a companhia dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães.

A bella instituição fundada pelo illustre vimaranense José Minotes tem sido o orgulho dos filhos de Guimarães.

Se alguém visita a nossa terra, nós temos prazer em acompanhar o vizitante ao magnifico quartel da rua de Payo Galvão para ouvirmos sempre esta phrase mil vezes repetida—«A companhia dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães é a mais bem organizada, a mais prospera, a que possui melhor installação e mais completo material, de todas as do paiz, excepção feita das de Lisboa e Porto».

Ha tempo chegaram-me aos ouvidos rumores de dissidencias que quebravam a harmonia que sempre houve naquella corporação e que é uma condição indispensavel de ordem, de disciplina e de prosperidade.

Por melindres particulares, que não veem para aqui, não me referi ao facto, esperando que o bom senso, a abnegação e o amor, que todos devem consagrar á bella instituição, estabeleceriam a paz. O incendio, porem, tem lavrado, e a questão vem para publico, como se vê do communicado que publicamos na respectiva secção.

Longe de mim a intenção de tornar esta questão mais irritante. Se o corpo activo dos Bombeiros Voluntarios está dividido em dois grupos, eu não tomo partido por nenhum dos grupos. Não attendo a pessoas, nem declino nomes. Como homem limito-me a lamentar o facto e como vimaranense peço que não se sacrifique ás rivalidades pessoas o brilho duma instituição que é nossa e que tem sido motivo de desvanecimento para os seus socios protectores e para todos os muncipes que contribuem para ella com o importante subsidio de 1:200.000 reis.

Se ha alguém que possa pôr um termo a essas rivalidades, se ha alguém que tenha sufficiente

auctoridade para fazer que os briosos rapazes se amem como irmãos e se estimem como companheiros na cruzada santa que deve constituir a sua bella missão humanitaria, não se demore. Estabeleça a paz e a harmonia. Faça vêr a todos que é um crime enfraquecer uma instituição tão bella e tão util com pequeninas e deploraveis questões pessoas.

Diga-lhes que acima dos resentimentos que possa haver, das rivalidades, ambições ou vaidades que por ventura lá existam, está o bom nome da corporação, está o seu progresso, o seu engrandecimento, as suas honrosas tradições, e sobretudo o amor a esta infeliz terra, onde a politica nos desune, onde o mexerico nos separa, onde a maledicencia nos abocanha, fazendo da familia vimaranense, não um sér collectivo que se esforce pela conquista do bem commum, mas um aggregado de elementos heterogeneos que não se combinam para as luctas do progresso e do engrandecimento de Guimarães.

ROMEIRO.

Gazetilha

Tanta terra para o octogono?...
Querem fazer um jardim?
Eu tenho de mim p'ra mim
Que é um trabalho perdido.
Deixem-no estar como está,
Torto, estrabico, zarolho...
Que dê tronchuda ou repollo
É a coisa assim não 'stá má.

Aquillo não tem remedio,
E' um aborto da natura...
E' uma verdade pura
Que aquillo nunca se ageita.
Ninguém pode conseguir
Que o velho conceito passe:
*Na vida quem torto nasce
Tarde ou nunca se endireita.*

Tlm.

Por dever

A proposito de varias referencias que fizemos á sua politica, um jornal muito prezado, contanos «coisas sabidas», o que é pleonastico; e com uma sobrançeria impertinente, o que é de admirar em pessoa que se declara dotada dos mais bellos sentimentos. Note, porem, o bom collega, que nos falla de cima de suas tamancas, que, se tem muito dinheiro, muita influencia, muito saber, deve ter tambem muita bondade e tratar-nos com aquella nobre deferencia que nem aos adversarios se nega.

Adeante.

Parece que, afinal, o pomo da nossa discordia foram os amores ao snr. João Franco. Claro é que nada temos com essas romanticas afeições eternas, com essas lagrimas quentes de saudade, emquanto mantem o caracter de rela-

ções particulares. Acerca da escolha de amigos como *de gustibus*, não se disputa.

Mas, quando essas manifestações são bandeira neutra a cobrir contrabando de guerra politica; quando as romagens a Rapallo ou a Biarritz são aos centenares; quando os protestos de indefectível lealdade coincidem com a acção partidária, pompeando nos jornaes, como exhibições de força; então estamos perfeitamente a dentro do nosso dever, combatendo o adversario, a rit ou a serio, mas sempre sem vislumbre de offensa. Se desse direito abdicássemos, de que nos serviria tomar posição na imprensa local? Nós que, bem ou mal, entendemos que o partido regenerador é de todos o que mais vale, já pelos seus antecedentes historicos, já pela envergadura de seus estadistas, já pelo talento fulgurante de seu prestigioso chefe, já pelas excellencias do seu programma, já pela copia de fortes elementos que o acompanham em todo o paiz, havemos de o defender dedicadamente, embora isso «desagrade» aos nossos adversarios; embora tenhamos de lhes desmascarar as baterias e alfinetar os preconceitos.

Vae passado o tempo do crê ou morre. Hoje, cada qual tem o seu *quantum* de liberdade intellectual que é força respeitável. Portanto, não nos tratem a murro pelo facto de não concedermos ao snr. Franco os foros de semi-deus e antes o considerarmos como o mais desastrado homem publico da ultima quadra do constitucionalismo, não pelas intenções que de certo eram as melhores, mas pelos actos mal equilibrados e pela sua ambição mal soffrida.

Tanto respeitamos o homem, como detestamos o estadista cujas *gaffes* nos iam levando ao fim.

sor, do *pregador* e da *mamá*...

E, se *tira o sentido* ao que escrevemos, então apanhas uma *palinodia* do tamanho da legua da Povoá...

Ha cada... maçador!...

DARES E TOMARES

Inchados de latim

O «Commercio do Norte», visinho e amigo muito estimado, notou que vinhamos inchados de citações latinas. E' para que saiba que *nos quoque gens sumus et cavalgare sabemus*. Mas preferiamos que nos visse inchados de cifras, de cambios, de cotações, de letras, etc. Era signal de que tambem em nossas veias girava alguma astónificante *pecunia*. Por desgraça nossa, o velho latim, hoje em dia, não é chão que dê uvas, senão a algum raro padre-mestre.

Defeitos que deslustram

Escreveu a «*Restauração*»: — «*A nossa imprensa catholica, não obstante todos os defeitos que a deslustram, é a mais conscienciosa, etc.*»

E' pueril escrever que a imprensa catholica tem defeitos, visto que «só um mentiroso ou doído os não confessará em todas as obras humanas». Tambem é disparate escrever que «esses defeitos deslustram, como se houvesse defeitos que dessem lustre.»

E agora? Serve-lhe o commentario? Quanto a catholicidade, pedimos meças.

Questão liquidada

No n.º 11 de «O Regenerador» escrevêramos: — «Campeões da immoralidade são os jornalistas que, não procurando saber o que são as peças que se representam, deixam de censurar a pouca vergonha que vae pelos palcos em espectaculos publicos. São os que se fazem ascetas, não se lembrando de que a sua profissão os obriga a tomar conhecimento das coisas para as louvar ou censurar.»

Muito propositadamente não dissemos que era preciso ir ao theatro, porque sabemos que ha outras fontes de conhecimentos sem ser a observação directa.

No n.º 252 escreve o sr. Padre Faria o seguinte: — «Querem saber os leitores como o nosso rev. collega (Roriz) nos responde? Diznos... que campeões da immoralidade são os escriptores que não vão ao theatro para tomar conhecimento das coisas afim de as louvar ou censurar.»

Em carta publicada no n.º 13 de «O Regenerador» perguntamos ao snr. padre Faria em que numero do nosso jornal vinham as palavras que acima sublinhamos e que motivaram os *casos* do confessor, do *pregador* e da *mamá*.

No n.º 253 da «*Restauração*» o rev. padre Faria, accedendo amavelmente ao nosso pedido, responde-nos em dois paragraphos o seguinte: «1.º aquellas *palavras* não as vimos em numero nenhum de *O Regenerador*; 2.º mas não é verdade que nós as attribuissemos a *O Regenerador* nem ao sr. padre Roriz.»

Muito obrigados e... acabou a função...

Echos da Sociedade

Natalicios

«O Regenerador» envia os seus parabens ás ex.^{mas} damas e cavalheiros que fazem annos, nos seguintes dias do mez de

MARÇO

SENHORAS

- Dia 6—D. Delmina Augusta de Sousa Queiroz.
» —D. Maria d'Oliveira Costa.
» —D. Herminia Sampaio e Almeida.
» 7—D. Josephina Leão Costa.
» 8—D. Maria da Silva Freitas.
» —D. Maria das Dores Teixeira Aguiar Barbosa.
» 11—D. Amelia Augusta Sampaio.
» 12—D. Emilia Carneiro Martins (Alvão).
» —D. Maria Antonia Coelho da Motta Prego.
» —D. Maria José Dias de Queiroz.

HOMENS

- Dia 6—Domingos Ferreira Ribeiro.
» —Dr. José Lopes de Mattos Chaves.
» 7—Conego José Maria Gomes.
» —Manuel Victorino da Silva Guimarães.
» 9—Tenente Luiz Loureiro.
» 10—Dr. Augusto Alfredo de Mattos Chaves.
» —Antonio Teixeira Mendes de Aguiar.
» 12—Tenente Raul Brandão.
» —José da Silva Guimarães.

De visita a sua familia esteve nesta cidade o nosso velho e querido amigo, snr. Avelino Monteiro, digno governador civil de Bragança.

A convalescer da sua ultima enfermidade encontra-se nas suas propriedades de S. Pedro de Azurez o snr. Antonio Cayres Pinto de Madureira, digno recebedor deste concelho.

Está melhor o snr. dr. Abilio Torres

Esteve nesta cidade o snr. dr. Francisco Pinheiro Torres, habil clinico bracarense.

Dr. Eduardo d'Almeida

Fixou residencia na Foz, estabelecendo banca de advogado no Porto, o nosso illustre amigo, snr. dr. Eduardo d'Almeida.

Sua ex.^a vem todos os sabbados a esta cidade, onde continua tambem a exercer a advocacia.

Sentimos a sua ausencia, porque este *corpo velho*, que se chama Guimarães, precisa bem de sangue novo. Mas, quando ha a justa aspiração de se ser mais alguma coisa do que um simples *adivinho*, não ha remedio senão sahir da patria, onde só por excepção se pode chegar á alta categoria de... propheta.

Noticiario

Conferencia de S. Vicente de Paulo—Sessão solemne

Realisou-se como prenociamos, no domingo, 28 de fevereiro, a sessão solemne de propaganda promovida pela digna direcção da conferencia de S. Vicente de Paulo no salão do Circulo Catholico S. José e S. Damazo.

Perante uma numerosa e selecta assistencia, entre a qual se viam as primeiras familias da nossa sociedade, foi iniciada esta festa, por tantos titulos sympathica, com a execução de bellos trechos de musica pelo distincto grupo musical «Araujo Motta» sob a habil regencia do snr. Soares, mestre da banda de infantaria 20, colhendo fartos e calorosos applausos.

Secretariado pelos ex.^{mas} snrs. Conde de Margaride e dr. Pinto de Rezende, juiz de direito desta comarca, assumiu a presidencia o

respeitavel arcepreste deste districto ecclesiastico, snr. Conego dr. Manuel Moreira Junior, orador eloquente, primoroso e erudito, que tem, como poucos, o segredo de apresentar sempre numa forma alevantada, e por vezes sublime, ideias e pensamentos de utilidade pratica, conseguindo assim deleitar, convencer e persuadir, como é das boas praxes da velha e boa rhetorica. Sua ex.^a não se limitou a fazer a apresentação do illustre orador, snr. dr. Francisco Pinheiro Torres, benemerito presidente da conferencia de Braga, que vinha aqui expressamente abrihantar aquella sessão. O snr. Conego dr. Moreira produziu um bello discurso apologetico das conferencias de S. Vicente de Paulo e da beneficencia em geral, deixando verdadeiramente encantados os que tiveram a ventura de ouvir a sua palavra eloquente e auctorizada.

Interrompido por vezes com apoiados applausos da assemblêa, o illustre presidente teve, ao concluir o seu primoroso discurso, uma demorada e calorosa salva de palmas. Em seguida o academico Alberto Mendes recitou uma poesia—A Caridade—primorosa produção do rev. padre Francisco Lima.

Concedida a palavra ao snr. dr. Francisco Pinheiro Torres, que foi entusiasticamente recebido com as palmas da assistencia, sua ex.^a principiou por prestar homenagem á memoria sempre querida de seu illustre pae, que era um sabio, um crente e um homem dotado dum grande coração.

Depois, como mestre no assumpto, o illustre orador falou sobre a obra moral e material da conferencia—as consolações espirituales que a Religião pode dar aos attribulados e os soccorros de pão e de agasalho que a Caridade fornece aos pobresinhos, especialmente aos envergonhados que não mendigam de porta em porta. Não nos é possivel seguir o orador em todo o seu discurso duma feição puramente pratica.

Ha, porem, um ponto que desejamos frisar e chamar para elle a attenção dos nossos conterraneos que possuem meios de fortuna. E' aquelle em que o snr. dr. Pinheiro Torres se refere á habitação das classes pobres. Disse sua ex.^a que em Braga já alguma coisa se tem feito neste sentido; já ha um bairro, com todas as condições de asseio e limpeza para os pobres, construido por iniciativa da conferencia de S. Vicente de Paulo. Pois aqui, em Guimarães, onde ha tantas e tão grandes fortunas, ainda não possuímos uma amostra desses bairros tão uteis e tão necessarios. Os pobres vivem em possilgas infectas e caras, sem ar, sem luz, numa promiscuidade immoral de sexos e numa convivencia insalubre de porcos, gallinhas, gatos etc.

Oxalá que a palavra eloquente e persuasiva do snr. dr. Pinheiro Torres, e, principalmente, a evidente e tristissima necessidade de edificações taes, movam os corações bondosos, que os ha e muitos nesta boa terra, a melhorarem a sorte das classes pobres no que diz respeito á habitação higienica e barata.

O snr. dr. Pinheiro Torres foi por vezes interrompido com applausos e no final da sua bella conferencia saudado com uma calorosa salva de palmas e muito cumprimentado pelos cavalheiros que se achavam no palco, juntos de sua ex.^a.

Executados mais dois numeros de boa musica pelo grupo «Araujo Motta», o snr. presidente encerrou a sessão depois de haver agradecido a todos os que assis-

tiram aquella festa, ao snr. dr. Pinheiro Torres e ao distincto grupo musical «Araujo Motta».

Nós dirigimos daqui os nossos louvores á digna direcção da conferencia de S. Vicente de Paulo e fazemos votos por que esta festa se repita muitas vezes para bem dos pobresinhos que estão sob a sua protecção.

Associação Commercial

Em conformidade com o numero 1 do art. 7.º dos estatutos, reuniu no passado domingo, 28 de fevereiro, a Associação Commercial de Guimarães, afim de discutir e votar o parecer da commissão de contas e eleger a nova direcção e seus supplentes, isto em virtude de não ter reunido na sexta-feira, como estava annunciado, por falta de numero legal de socios.

Presidiu o secretario, snr. José de Freitas Costa Soares, secretariado pelos snrs. Camillo Laranjeiro dos Reis e João Pereira Mendes.

Aberta a sessão, procedeu se á leitura da acta da sessão anterior, e em seguida foi pela direcção apresentada uma proposta, nomeando socios honorarios os snrs. Abel Cardoso e José Luiz de Pina, sendo unanimemente approvada.

Por proposta fundamentada numa moção apresentada pelo snr. João Pereira Mendes foi unanimemente resolvido que na acta se exarasse um voto de louvor ao dignissimo e benemerito presidente, snr. João Rodrigues Loureiro, pelos relevantes serviços prestados.

Em seguida procedeu-se á eleição da nova direcção, que ha de servir nos annos de 1909-1910, dando o seguinte resultado:

Presidente, João Rodrigues Loureiro; 1.º secretario, José de Freitas Costa Soares; 2.º secretario, Aureliano Leão da Cruz Fernandes; thesoureiro, Camillo Laranjeiro dos Reis; directores: Domingos Martins Fernandes, Augusto Pinto Areias e Antonio d'Araujo Salgado; directores substitutos: Antonio Lopes de Carvalho e Augusto Mendes da Cunha e Castro.

Suffragios

Por alma da fallecida esposa do snr. commendador Luiz José Fernandes, a Associação dos Cortidores e Surradores de Guimarães mandou celebrar na igreja de Santa Marinha da Costa no domingo 28 de fevereiro, uma missa a que assistiu a direcção, com a sua bandeira, muitos socios e a familia enluctada.

Pela mesma intenção mandou a meza da V. O. T. de S. Francisco celebrar na sua igreja, no dia 2 do corrente, 30.º do fallecimento, missa de *requiem* e Libera-me a que assistiram a digna meza, alumnos das escolas, entrevados, creche, familia dorida, senhoras e cavalheiros das suas relações.

Noticias militares

Passou ao serviço da companhia de Moçambique o segundo sargento de infantaria numero 20 snr. Manuel Lourenço Gomes.

—Pedi a readmissão no serviço activo o segundo sargento do mesmo regimento snr. José da Costa Ratto.

—Está aberto concurso, no regimento de infantaria numero 20, para preenchimento de uma vaga de segundo sargento.

Na China

Aneçdota

Havia no *Celeste Imperio* um individuo que *era, desde bastantes annos (caminho de 15), professor de litteratura e, por conseguinte, era obrigado por dever de officio a conhecer o caracter das composições dramaticas, nominalmente das contemporaneas.*

Este individuo era tambem redactor principal duma gazeta.

Numa occasião representou-se no theatro da terra onde elle era professor e jornalista uma peça que mereceu censura a uns reporters que por lá havia. O jornal do tal professor nem louvou nem censurou—calou-se.

Um discipulo commentava: — «Ou o professor é ignorante, ou o jornalista baldo de zelo...»

..... Espera-lhe pelo troco, estudantinho. Apanhas, pelo menos, com quatro columnas cerradas, com os competentes *casos* do confes-

Descanso semanal

Reuniu hontem extraordinariamente a Camara Municipal, com o fim de apreciar e dar parecer sobre uma representação que ao ex.^{mo} governador civil deste districto foi enviada pela Associação Commercial de Guimarães, a proposito do descanso semanal nesta cidade e concelho.

A Camara resolveu participar aquella auctoridade superior que acha muito justo o pedido feito pela Associação Commercial para que os estabelecimentos se encontrem abertos nesta cidade e concelho até ao meio dia dominical.

A esta sessão, na ausencia do snr. presidente rev. Abbade de Tagilde, presidiu o snr. Conego Vasconcello, vice-presidente.

Oh! a coherencia.....

Sociedade Martins Sarmiento

Esta benemerita Sociedade realisa, no dia 9 do corrente, a sua festa annual de distribuição solemne de premios aos alumnos mais distinctos da cidade e do concelho, e de homenagem à memoria do seu primeiro socio honorario, grande benemerito e illustre sabio vimaranense, dr. Martins Sarmiento.

Neste anno serão inaugurados os retratos dos srs. Conde de Paçõ Vieira, a quem a Sociedade deve relevantissimos serviços, e dr. Avelino Germano da Costa Freitas socio fundador e que em vida consagrou a bella instituição o melhor do seu talento e da sua actividade.

A digna direcção resolveu conferir, além dos premios do costume, mais um ao alumno mais pobre da escola de Urgez, intitulado—*premio Santos Guimarães*—homenagem prestada ao seu benemerito socio honorario que ha pouco regressou ao Rio de Janeiro.

Abrilhanará esta sessão o distincto grupo musical «Araujo Motta».

Costuma ser uma festa muito luzida, chamando ao amplo salão nobre uma numerosa e selecta assistencia.

Liga Naval

Reuniu no dia 27 de fevereiro, numa das dependencias da Sociedade Martins Sarmiento, a junta local da Liga Naval, em Guimarães, a que presidiu o sr. dr. Pedro Guimarães, assistindo o thesoureiro, sr. Jeronymo Sampaio, (que por signal chegou um pouco tarde!), os vogaes dr. Alberto Rodrigues de Faria, Domingos Martins (Aldão) e Domingos Freiria, e o secretario, padre G. Roriz.

O vice-presidente, sr. capitão Antonio Infante, communicou que não comparecia por não o permitir o seu estado de saude.

Pelo secretario foi apresentada uma carta do grande entusiasta pela obra da Liga Naval, e seu benemerito secretario em Vianna do Castello, sr. Manoel Candido Loureiro, em que insistia perante a junta local pela organização definitiva das commissões de defeza de pescaria nas freguezias ribeirinhas deste concelho.

Organisou-se a relação dessas freguezias que são—11 no rio Selho, 6 no rio Vizella, 11 no Ave e 3 para dois riachos affluentes do Ave e do Vizella.

As commissões ficaram já organisadas na sua quasi totalidade faltando apenas alguns nomes para se completar o numero das commissões precisas.

A Liga Naval em Guimarães pode prestar magnificos serviços acabando por uma vez com o vandalismo que tem andado impunemente pelos nossos rios destruindo uma apreciavel fonte de receita.

Brevemente será solememente installada a junta local em Guimarães.



NECROLOGIA

Falleceu no dia 3 do corrente a snr.^a D. Clara Gracinda de Freitas Costa, viuva, tia da esposa do snr. Eduardo Manuel d'Almeida e dos snrs. Abilio, Manuel e Antonio Ferreira.

Os seus funeraes realisaram-se hontem na capella da V. O. T. de S. Domingos com a assistencia de bastantes cavalheiros das relações da familia enluctada.

Tomou a chave do caixão o rev. padre Abilio Augusto de Passos, digno prior da V. O. T. de S. Domingos, e pegaram ás borlas do feretro os empregados do escriptorio da fabrica da Avenida, snrs. Antonio José Pereira de Lima, Luiz Dias de Castro, João Barbosa e Carlos Abreu.

No Porto, onde residia ha tempo, falleceu o snr. dr. Antonio Manuel Trigo, coronel medico reformado.

O dr. Trigo, que viveu por muitos annos nesta cidade, contava aqui muitas sympathias pelo seu espirito finissimo e coração bem formado.

Tambem falleceu nos Arcos de Val de Vez o nosso amigo snr. dr. Alberto Carlos de Brito Lima, que exerceu nesta cidade o cargo de administrador do concelho numa situação progressista, contando entre nós numerosos amigos.

A's familias enluctadas enviamos sentidos pezames.

Communicados

... Snr. Redactor:

V... , que é um amigo sincero da sua terra e que sempre pugna pelo bom nome e desenvolvimento das suas instituições de caridade e beneficencia, permita-me que hoje occupe um pouco de espaço do seu muito lido e apreciado semanario, com a narração de um facto menos honroso para uma corporação, que sempre mereceu de todos os vimaranenses as mais elogiosas referencias:

Na quinta-feira preterita, na séde da Humanitaria Associação dos Bombeiros Voluntarios, desta cidade, e na occasião em que a parte do respectivo corpo activo era dada instrucção, foi covardemente agredido o bombeiro Francisco Marques, pelos seus collegas Fortunato José de Almeida, Francisco Ferreira de Andrade, Luiz Garcia Martins, Domingos Pereira Guimarães e Eduardo da Silva Guimarães, sobrinho, e pelo patrão da 1.^a esquadra Eduardo da Silva Guimarães.

As razões, que se invocam como causa da aggressão, são de tão pouca importancia, que me abstenho de as expor aqui, mas, dado que fossem de maior vulto, nem assim se justificaria o facto, visto que, entre membros daquella

corporação e na respectiva séde, deviam evitar-se scenas tão vergonhosas como a que acabo de referir.

E o facto, de si já bem para censurar, mais censuravel se torna em consequencia de o ter presenciado o 1.^o commandante e o 1.^o secretario da direcção.

O bombeiro agredido foi desde logo intimado a fazer entrega da sua farda, mas eu sei que tal entrega se não fez, porque este a isso se recusou terminantemente, allegando que ainda não havia sido demittido da corporação, que com tanto zelo serviu, nem aliás pode sê-lo sem que primeiramente se observe o que, para o caso sujeito, prescrevem os estatutos.

Não acha, snr. Redactor, bem repugnante este caso de ser posto fóra da Associação, a ponta-pés, como foi, um homem que por ella se sacrificou, contribuindo, na medida das suas forças, para a sua conservação e luzimento?

Mas o facto repetir-se-ha, creio, visto que o 1.^o commandante tem affirmado que este systema de expulsão será adoptado para outros bombeiros.

Como tudo acaba na nossa terra, sr. Redactor!

Que saudades daquelles tempos em que nem a mais leve mancha offuscava o brilho da sympathica corporação!...

Agradecendo a V. o grande obsequio, que me faz, dando publicidade a esta carta, subscrevo-me, com muita estima e consideração

De V... , etc.

Um socio.

Guimarães, 3 de março de 1909.

... Snr. Director de «O Regenerador».

Rogo a V... a fineza de publicar no jornal de que é digno director a carta seguinte que em 26 de fevereiro passado dirigi ao director do «Commercio do Norte» desta cidade.

Não tendo sido publicada pelo «Commercio do Norte» essa carta e tendo sido bem ao contrario repetido o insulto a que nella se allude, escusado será dizer a V... qual o conceito em que para mim e para todos os homens de bem fica sendo tido o corpo redactorial daquelle jornal.

Com a maior consideração sou

De V... , etc.

Guimarães, 5—3—9.

Mariano Felgueiras.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Director do *Commercio do Norte*. No numero 5 do *Commercio do Norte*, sob a epigraphe *Descanso semanal*, vem uma local em que se diz que os transgressores dos decretos sobre descanso semanal ultimamente condemnados foram *torpemente* denunciados.

Fui eu quem participou em juizo essas transgressões, acto de que não me arrependo e que amanhã repetirei em egualdade de circumstancias, pois que o fiz em defeza dos interesses duma classe inteira que via espesinhados os seus incontestaveis direitos e depois de muito lealmente, por mais de uma vez, haver feito prevenções que legalmente eram desnecessarias. E, como reputo offensivo o termo *torpemente*, empregado na referida local, venho pedir a V. Ex.^a, como cavalheiro bem educado, que naturalmente deve ser, que, publicando esta carta, no proximo numero do *Commercio do Norte* a sahir, me

dê satisfações cabaes e completas sobre o assumpto, para que eu não fique com o direito de julgar que ha garotos na redacção do *Commercio do Norte* que cobardemente jogam insultos contra quem, por qualquer acaso, se lhes torne desagradavel.

Na certeza de que V. Ex.^a não deixará de attender este pedido, pois decerto não quer tomar sobre si a responsabilidade de taes actos, sou com a devida consideração

De V. Ex.^a,

CIV. ex.^a, 26—2—9.

att. venerador,

Mariano da Rocha Felgueiras

(Segue-se o reconhecimento)

Annúncios

EDITAL

Duarte Borges Pacheco Pereira de Bourbon, administrador do concelho de Guimarães, por Sua Magestade El-Rei, etc.

Faço saber que Bernardino Jordão, proprietario, residente no Largo de D. Affonso Henriques, desta cidade, proprietario da Fabrica da Luz Electrica de Guimarães e concessionario do contracto para o fornecimento e exploração da luz electrica desta cidade, requereu na administração deste concelho licença para construir, dentro dos terrenos murados, pertencentes ao requerente e que fazem parte do palacete de Villa-Flôr, suburbios desta cidade, uma casa para a producção da energia electrica necessaria, sendo montado na mesma casa o seguinte: 1 machina; 1 caldeira; 2 dynamos; 1 locomavel (Semifixa) «Compound», da força de 262 cavallos effectivos; 2 dynamos de corrente continua de 100 kilovatto cada um com a tensão de 250 volts; um motor de corrente continua da força de 7 cavallos com a tensão de 500 volts; um outro motor de corrente continua da força de 75 cavallos com a tensão de 230 a 250 volts; duas bombas e uma centrifuga e quatro rodas de moagem, sendo o combustivel o carvão de pedra. Como, porém, este estabelecimento se acha comprehendido, por semelhança, na 2.^a classe das tabellas annexas ao Decreto de 21 de outubro de 1863, com a designação de «*Gaz da illuminação*», (*Fabricas, officinas e gazometros*) e com a designação do inconveniente de: (*Cheiro desagradavel, fumo e perigo de explosão e incendio*); e as machinas e caldeiras de alta pressão com a indicação do inconveniente de (*Fumo e perigo de explosão nas caldeiras*); são convidadas as auctoridades publicas, os chefes e gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamarem por escripto no praso de trinta dias, se quizerem oppôr-se

à concessão da requerida licença.

Para constar mandei passar o presente edital e outros de equal theor, que serão affixados nos logares indicados no § 1.^o do art.^o 6.^o do Decreto de 21 de outubro de 1863.

Administração do concelho de Guimarães, 25 de fevereiro de 1909.

E eu Manoel de Freitas Aguiar, secretario da Administração, o subscrevi.

Duarte Borges Pacheco Pereira de Bourbon.

ANNUNCIO

Editos de 30 dias

(2.^a publicação)

No Juizo de Direito da 2.^a vara civil da comarca de Lisboa e pelo cartorio do escrivão Silva Saque requer Augusto Tito Barata e D. Amelia Livia Barata, justificação avulsa para habilitação, pela qual pretendem ser julgados unicos e universaes herdeiros de sua mãe D. Amelia de Oliveira Cardoso Barata, que tambem usava assignar Amelia de Oliveira Cardoso dos Santos Barata, e ainda Amelia de Oliveira Cardoso dos Santos, a qual falleceu no dia trinta de novembro de 1908, no estado de viuva, sem testamento, na Calçada do Forno do Tijolo, numero 33, 1.^o andar, da dita cidade de Lisboa, e era natural da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, desta cidade de Guimarães, para haverem a sua herança, e alem de outros effectos juridicos receberem a quantia de 1:170\$960 reis e seus juros, quantia esta que foi depositada na Caixa Economica do Monte Pio Geral daquella cidade de Lisboa, pela fallecida mãe dos habilitandos sob o n.^o 26:101, e por isso pelo presente são citados quaesquer interessados incertos que se julguem com direito a impugnar a referida habilitação, os quaes o deverão fazer na 3.^a audiencia daquelle juizo que tiver logar depois de accusada a citação, que o será na 2.^a depois de findar o praso de 30 dias, o qual será contado da publicação do 2.^o e ultimo annuncio no «Diario do Governo», e num dos jornaes onde este for publicado nesta cidade, sob pena de revelia, declarando-se que as audiencias no indicado juizo da 2.^a vara civil em Lisboa se fazem no respectivo tribunal da Boa Hora, da mesma cidade, ás terças e sextas-feiras de cada semana, por 10 horas da manhã, não sendo estes dias feriados ou santificados, porque sendo-o se fazem nos dias immediatos.

Guimarães, 20 de fevereiro de 1909.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
P. de Rezende.

O escrivão do 1.^o officio,
Manoel Dias d'Oliveira.

Estabelecimento

— DE —

LANIFICIOS, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

DE

Jordão & Simões

Praça de D. Affonso Henriques, 1 a 6 — GUIMARÃES

Os proprietarios d'este estabelecimento, tendo introduzido n'elle grandes melhoramentos, chamam a attenção para um grande saldo de camisolas, atalhados, colchas, casimiras, cheviotes, amazonas, phantasias, oxfords, etc., etc., cujos artigos são vendidos com grande abatimento.

Tambem chamam a attenção dos seus Ex.^{mos} freguezes para o seu sortido completo em :

Casimiras.
Cheviotes.
Meltons.
Amazonas.
Phantasias para vestidos.
Armures.
Merinos.
Castorinas.
Estrekans para capas ou casacos de senhora.
Bactas.
Flanellas pretas e azues para fatos.
Morins.
Pannos-familias.
Flanellas.
Pannos crus.
Cotins.
Riscados.

Oxfords.
Zephyres.
Velludillos.
Camisolas.
Colchas.
Atoalhados.
Cobertores.
Guarda-soes.
Lenços de sêda e de lã.
Lenços para bolso.
Chales.
Diversos artigos para forros, taes como: lusitanas, linetes, sarge-lins, crinolines, panninhos, etc., etc.
Diversas miudezas e muitos outros artigos impossiveis de enumerar.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

OFFICINA

E

Deposito de Calçado

— DE —

GABRIEL DE FARIA

Rua d'Alcobaça, 17
GUIMARÃES

Participa a todos os seus amigos e freguezes que, tendo mudado ultimamente o seu estabelecimento para a rua d'Alcobaça, espera dever-lhes a fineza d'uma visita pois alli encontrarão um variado sortido de calçado, tanto para homem, como para senhora e creança, garantindo a sua qualidade e segurança.

Tem sempre no seu estabelecimento os melhores cabedaes das fabricas nacionaes e estrangeiras.

Executam-se com promptidão grandes ou pequenas encomendas.

PREÇOS MODICOS.

Livraria

PAPELARIA E TABACARIA

— DE —

Francisco Joaquim de Freitas

TOURAL

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRENÇAS

ATELIER DA MODA

DE

Maria da Oliveira da Costa Roriz

RUA DOS TERCEIROS (S. FRANCISCO)

GUIMARÃES

Grande e variado sortido de chapéus, cascos e confecções, vindo das principaes casas do Porto e de Lisboa que se fornecem directamente de Paris.

Confeccionam-se chapéus pela ultima moda e modificam-se pelos ultimos figurinos.

Preços modicos

FABRICA A VAPOR

DE

PENTES E CUTELARIAS DE GUIMARÃES

DE

Costa, Lerdeira & C.^a

GUIMARÃES

Fabricação de pentes de chifre, galalith e celluloides para caspa e alisar, travessas e ganchos de celluloides para o cabelo (fabricação privilegiada).

Cutelarias em todos os generos, nickelagem e muitos outros artigos da industria de Guimarães.

Escriptorio: Largo do Toural—Guimarães

TYP. MINERVA



VIMARANENSE

Officina de encadernação, Papelaria e Livraria

DE

Antonio Luiz da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão—Guimarães

Na officina typographica, montada com machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

O Regenerador

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$300 rs.	Annuncios e comunicados, por	
Semestre	650 "	linha	40 rs.
Numero avulso	40 "	Repetição, por linha	20 "

Ex.^{mo} Snr.